

DEUS E AS ESCOLAS NAS RUAS: A IMPRENSA PARAIBANA E AS MARCHAS PELA ‘REVOLUÇÃO VITORIOSA’ NAS CIDADES DA PARAÍBA - 1964

GOD AND SCHOOLS IN THE STREETS: THE PRESS IN PARAIBA AND MARCHES FOR THE "VICTORIOUS REVOLUTION" IN CITIES IN THE STATE OF PARAÍBA - 1964

Genes Duarte Ribeiro¹
Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

Este artigo discute, com base em periódicos paraibanos, sobre o envolvimento das escolas no movimento intitulado ‘Marcha com Deus pela Liberdade’, que aconteceu entre os meses de abril e junho de 1964, nas diversas cidades da Paraíba, para comemorar expressivamente a “Revolução vitoriosa” que depôs o Presidente João Goulart. Nosso objetivo consistiu em mostrar que o discurso religioso contra o comunismo foi o principal fio condutor para aglutinar pessoas e instituições educacionais nessas comemorações, assim como o apoio e a “solidariedade” dados ao governador Pedro Gondim, que era alvo de vigilância do Regime Militar e utilizava esses momentos como estratégia para manter e legitimar seu cargo no executivo paraibano.

Palavras-chave: Imprensa. Marcha com Deus pela Liberdade. Escolas.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo, partindo dos periódicos paraibanos *A União*², *O Norte*³ e *A Imprensa*⁴, traz uma discussão sobre o envolvimento das escolas privadas, públicas e confessionais no movimento intitulado “Marcha com Deus pela Liberdade”, que aconteceu durante os meses de abril a junho de 1964, nas diversas cidades da Paraíba, visando comemorar expressivamente a ‘Revolução Vitoriosa’ que depôs o Presidente João Goulart. Nosso objetivo primeiro foi de mostrar que o discurso religioso e o cívico de exaltação à Pátria e à família contra o comunismo foram as principais vozes que aglutinaram pessoas e instituições nessas marchas pelas ruas paraibanas, deram apoio

¹ Mestre em História pelo PPGH-UFPB; professor da rede estadual de ensino e doutorando em Educação – PPGE/UFPB. E-mail: genes_duarte@hotmail.com.

² Jornal fundado em 1893 pelo Presidente da Paraíba, Álvaro Lopes Machado. Era o Jornal Oficial que defendia o Governo e que ainda está em circulação no estado da Paraíba. Ver Informações: MARTINS, Eduardo. *A União: Jornal e História da Paraíba, evolução gráfica e editorial*. Ed. Ilustrada. João Pessoa, 1977.

³ Pertence ao grupo Diários Associados; foi fundado em 7 de maio de 1908 e extinto em 1º de fevereiro de 2012.

⁴ Jornal católico fundado em maio de 1897, com a principal finalidade de propagar a fé e os princípios cristãos. Foi definitivamente extinto em 1968.

expressivo e prestaram solidariedade ao governador Pedro Gondim⁵ que, desde a madrugada do dia 31 de março, estava numa encruzilhada política: continuar manifestando publicamente seu apoio ao novo Regime ou ter seu mandato destituído pela onda repressora ditatorial devido ao seu currículo político “à moda” populista.

Os jornais aqui apresentados serão analisados historicamente a partir do pensamento de Vieira (2007), que discute sobre os periódicos com fonte documental para a História e suas contribuições, pois a imprensa, durante muito tempo, não foi privilegiada para os estudos históricos. Sendo assim, o autor discute sobre as características e as potencialidades dos jornais diários, entendidos como temas e fontes de pesquisa para a História da Educação.

Capelato (1988 p. 21) afirma que, se, de um lado, o jornal não é um transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, de outro, oferece contribuições importantes para a historiografia da educação. Entretanto, é preciso perceber as ações e os interesses que o fabricaram, pois pertence a um grupo com determinada visão de mundo ou objetivos implícitos e cobra do pesquisador o questionamento do conteúdo publicado e o posicionamento do escritor dos artigos dos periódicos e das relações com a sociedade que o fizeram decidir na produção dos jornais.

Isso se justifica porque os jornais, como filhos de seu tempo, estão engrenhados de ideologias, instrumentos de manipulação, interesses públicos e comunitários, influências e intervenções na vida social. Em suas páginas impressas, há registros dos movimentos dos pensamentos, dos conflitos e dos consensos sociais de cada período estudado, que tornam interessante a pesquisa histórica, ou seja, dão conta dos motivos que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa, ou seja, como o conteúdo escolhido foi transformado em notícia (MOUILLAUD, 2002).

As marchas que aconteceram nas ruas das cidades paraibanas foram destaques nos principais jornais na Paraíba e nos dão possibilidades de acompanhar as estratégias discursivas e imagéticas dos seus produtores para exaltar a participação da população e dos estabelecimentos de ensino que se somavam para defender e disseminar o patriotismo e o civismo. O Movimento de Arregimentação Feminino do Estado da

⁵ Pedro Moreno Gondim, paraibano de Alagoa Nova, foi um dos fundadores do Partido Social Democrático (PSD). Em 1946, foi eleito deputado estadual e se reelegeu para um segundo mandato nas eleições de 1950. Não exerceu por ter sido designado pelo governador José Américo de Almeida para a Secretaria da Agricultura, Viação e Obras Públicas do Estado. Nas eleições de 1956, Gondim foi eleito vice-governador, em uma composição entre o PSD e a UDN, promovida por José Américo. No período de 1958 a 1960, Gondim assumiu o governo do Estado de forma interina; em março de 1960, ausentou-se do governo para se candidatar ao cargo de governador da Paraíba. Foi eleito e cumpriu seu mandato de 1961 a 1966.

Paraíba – MAFEP⁶, que organizou a primeira Marcha na capital, desde sua fundação, teve como alvo para se integrar nesse movimento cívico-religioso as instituições escolares, que foram convidadas, através de visitas das “[...] ilustres damas e senhorinhas, [...]” a desempenhar a luta pelo “[...] aperfeiçoamento moral do povo e defesa dos princípios democráticos [...]” (O Norte, 28 mar. 1964, p. 3).

Cândido (1971 p.12) define a estrutura da escola como um grupo social que mantém certo grau de autonomia internamente e refere que, geralmente, grupos religiosos e políticos estabelecem normas para orientar e reger a escola segundo os seus interesses. Em outras palavras, as escolas são, essencialmente, produto da cooperação dos seus próprios membros, mas cujas funções coletivas e posições são parcialmente institucionalizadas por outros grupos sociais.

E dessa participação dos alunos e dos professores nas marchas cívicas na Paraíba, desde a fundação da República, as escolas foram chamadas “a exercer o papel de difusora dos valores cívicos e de culto à pátria e, portanto, necessárias para restabelecer a unidade e a integração social ameaçada” (SOUZA, 2000, p. 178).

2 OS ROSÁRIOS COMO ARMAS: O COMBATE AO GOVERNO GOULART

Em 1964, principalmente, nas últimas semanas de março, a situação da política brasileira ocupava os principais espaços nos jornais do país, que traziam, em suas primeiras páginas, o acirramento das disputas que dividiram o país em torno das ‘Reformas de Base’⁷ anunciadas pelo Presidente João Goulart. De um lado, estava o governo apoiado pelos nacionalistas e pelas esquerdas e, do outro, as elites econômicas e a direita política. A classe média pendia mais para a direita e aceitava o discurso religioso contra o comunismo no país, e os militares eram o ponteiro da balança (CHIAVENATO, 1994).

⁶ Foram fundados outros movimentos de direita entre os anos de 1962 e 1964: a Liga da Mulher Democrata (LIMDE – Minas Gerais), a União Católica Feminina (UFC - São Paulo), a Campanha da Mulher pela Democracia (CAMDE – Guanabara (Rio de Janeiro), o Movimento de Arregimentação Feminina (MAF – São Paulo), a Ação Democrática Feminina Gaúcha (ADFG – Rio Grande do Sul), a Cruzada Democrática Feminina (CDF Pernambuco) e a MAFEP, em João Pessoa, como uma entidade local do MAF.

⁷ Desde sua posse em 1961, João Goulart defendia um conjunto de iniciativas do governo: as reformas bancária, fiscal, urbana, administrativa, agrária e universitária. Achava que seria preciso estender o direito de voto aos analfabetos marinhos e aos sargentos e defendia medidas nacionalistas que previam uma intervenção mais ampla do Estado na vida econômica e mais controle dos investimentos estrangeiros no país, mediante a regulamentação das remessas de lucros para o exterior.

Nesse cenário, a ofensiva de João Goulart foi planejar uma série de grandes comícios nas principais capitais do país para mobilizar a população e pressionar o Congresso Nacional a aprovar as reformas. O primeiro deles foi marcado para o dia 13 de março, no Rio de Janeiro, com ampla divulgação através de panfletos, com o comparecimento do próprio Presidente, “Jango⁸, falando ao povo”, no grande “Comício das Reformas” (FERREIRA, 2004).

No dia marcado, sob o rigoroso esquema de segurança do I Exército, no final da tarde de sexta-feira, um extenso oceano de milhares de trabalhadores, estudantes, políticos e sindicalistas se espremiavam para ouvir o Presidente e apoiar as reformas, carregando cartazes e faixas que fizeram medo às classes médias: “Jango-65”, “Legalidade para o PCB”, “Reformas à bala”, “Pedimos cadeia para os exploradores do povo”, “Abaixo com os latifúndios” (TOLEDO, 1982).

Depois de três horas de discursos e acalorados aplausos, perto das nove horas da noite, o Presidente João Goulart falou por mais de uma hora ao povo. Em primeiro lugar, agradeceu aos sindicatos e às organizações que promoveram o comício; depois, denunciou a campanha de “sabotagem” contra a realização do evento, uma vez que o governador Carlos Lacerda decretara feriado municipal, na tentativa de esvaziar a concentração; criticou os que defendiam “a democracia anti-povo, anti-sindicato e anti-reforma” e, em um dos momentos do discurso, apontou as palavras do Papa João XXIII sobre a necessidade de justiça social, denunciando a tentativa de “[...] empulhar o povo explorando seus sentimentos cristãos [...]” na “[...] mistificação de uma indústria do anticomunismo [...]” (FICO, 2004, p. 42). Ouçamos Goulart:

[...] O cristianismo nunca foi o escudo para os privilégios condenados pelos Santos Padres. **Nem os rosários podem ser erguidos como armas** contra os que reclamam a disseminação da propriedade privada da terra, ainda em mãos de uns poucos afortunados [...]. (FICO, 2004, p. 42, grifo nosso).

A acusação caía sobre um episódio em Minas Gerais quando, em fevereiro daquele mesmo ano, o Comando Estadual dos Trabalhadores organizou uma concentração para defender as reformas de base no auditório da Secretaria de Saúde, tendo como principal palestrante Leonel Brizola, cunhado de Jango. A Liga da Mulher

⁸ As eleições tornaram o Presidente conhecido popularmente como Jango, devido ao *jingle* da campanha “É Jango, é Jango é João Goulart”.

Democrata - LIMDE, mulheres e grupos da elite mineira foram ao local para protestar. Simões (1985, p. 77, grifo do autor) narra assim a cena:

[...] As mulheres da LIMDE não se contentaram em ocupar a plateia. Tendo a frente o padre Caio de Castro, organizaram um grupo de nove mulheres exibindo terços, velas e imagens. As mulheres puseram a rezar, transformando o palco num “altar”, para a exorcização do *anticristo* Brizola [...].

O evento foi tumultuado quando os organizadores decidiram retirar as senhoras do palco, houve resistência, e a polícia interveio com violência e até lançou bombas, o que aumentou ainda mais a confusão no local. Quando Brizola chegou ao local, não pôde mais discursar, e o saldo para aquele dia foi o lançamento do símbolo das manifestações femininas: ‘o rosário’ (SIMÕES, 1985, p. 78).

As palavras pronunciadas por Jango foram transmitidas por rádio e TV em todo o país, e bem perto da Central do Brasil, estavam o Ministério da Guerra e o Panteão Militar com a estátua do patrono do Exército, Duque de Caxias, que, por enquanto, era o único que acompanhava, silenciosamente e inerte, os desdobramentos daquele momento de agitação social. Em São Paulo, as ilustres damas e senhoras católicas da elite paulista foram até a Praça da Catedral da Sé rezar o terço pela salvação do Brasil. No Rio de Janeiro, a CAMDE havia realizado uma campanha para que, na mesma hora do comício, velas fossem acesas nas janelas das casas para afastar o “demônio vermelho do comunismo” e iluminar aquela “hora de trevas”, consolidando o movimento de reação contra João Goulart (FICO, 2004).

As palavras do Presidente foram entendidas como ofensas ao rosário e, na mesma noite da sexta-feira, no Hospital de São Paulo, o deputado Cunha Bueno e o Dr. José Carlos, reunidos com a irmã Ana de Lourdes, ouviram dela um resumo do que acontecera na Central:

[...] O problema era simples: Nossa Senhora tinha sido ofendida pelas palavras pecaminosas do Presidente da República em referência ao rosário e tudo que havia a fazer era convocar as mulheres de São Paulo para uma grande reunião pública de desagravo ao rosário. Elas compareceriam em massa. Nossa Senhora as escutaria e Deus teria misericórdia do Brasil [...]. (Marcha da Família com Deus pela Liberdade, 1964, p. 15).

Num país católico como o Brasil, a popularidade do rosário, como arma contra o comunismo, já fazia sucesso, desde 1962, pelas mãos do bispo Dom Jaime de Barros Câmara do Rio de Janeiro, que trouxera das Filipinas o Padre Patrick Peyton com a sua

“Cruzada pelo Rosário em Família”. Através de propaganda intensa no rádio e na TV, fez sucesso, ao reunir multidões em praças públicas, em algumas capitais do Brasil, com o lema “Família que reza unida permanece unida”. O lema soava aparentemente neutro e puramente religioso. Sabe-se, hoje, que existia um projeto maior por trás do religioso⁹ - sua campanha pela América Latina foi financiada pela CIA¹⁰, com o objetivo de levantar barreira contra os movimentos esquerdistas ou comunistas em tempos de Guerra Fria¹¹ (ALVES, 1979).

Da organização das “Cruzadas pelo Rosário” para a reunião pública sugerida pela freira Ana de Lourdes foi um passo, pois os sucessivos contatos e as reuniões nas casas de particulares com as representações das entidades femininas, grupos de direita, de extrema-direita, associações estudantis e católicas de São Paulo se intensificaram dia e noite. Ao todo, oitenta grupos aderiram ao projeto da realização da Marcha contra o Presidente Goulart e o comunismo totalitário.

Dezenove de março, dia de São José, padroeiro da família e da Igreja Universal, foi a data escolhida para o grande evento cívico-religioso, denominado de “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” para abarcar todos os credos. O IBAD e o IPES¹² financiaram a propaganda e a estrutura organizacional do evento, e o governador de São Paulo, Adhemar de Barros, deu inteira colaboração e transformou a manifestação em um clima oficial. Sua esposa, Leonor de Barros, participou ativamente das reuniões preparatórias e, em seu nome, as mulheres da UFC telefonaram para as donas de casa paulistas convidando-as para comparecerem à Marcha com suas famílias (SIMÕES, 1985, p. 100).

⁹ O Padre Patrick Peyton era de origem irlandesa, mas emigrou para os EUA onde iniciou seus estudos na Congregação de Santa Cruz (C.S.C.). Fundou o “Rosário em Família”, em retribuição por ter se recuperado de uma tuberculose que, segundo ele, foi curada por Nossa Senhora. Antes de fundar oficialmente o “Rosário”, em 1942, esteve em diversos canais de rádio e televisão e produziu um filme. A relação entre Patrick Peyton e a CIA e seus trabalhos em conjunto na luta contra o Comunismo foram minuciosamente estudados por Richard Gribble. Uma boa introdução ao assunto pode ser encontrada em seu artigo, “Anti-communism, Patrick Peyton, C.S.C. and the C.I.A.” *Journal of Church and State* Jun/2003, n. 45, pp. 535–558. Fonte: SESTINI, Dharana Pérola Ricardo.

¹⁰ Agência de Inteligência Civil dos Estados Unidos, cuja missão era de antecipar ameaças contra a segurança nacional, através da análise objetiva das fontes e da realização de ações secretas dirigidas pelo Presidente. Fonte: cia.gov

¹¹ Guerra Fria é a designação atribuída ao período histórico de disputas estratégicas e conflitos indiretos entre os Estados Unidos e a União Soviética, que compreende o período entre o final da Segunda Guerra Mundial até a extinção da URSS em 1991.

¹² O Ibad foi criado em 1959 por empresários descontentes com Juscelino Kubitschek. Com perfil anticomunista, seu objetivo era de interferir na vida política, patrocinando candidatas contra João Goulart com recursos norte-americanos. O Ipes foi criado no final de 1961 e começou suas atividades no início de 1962. Contava com grupos de empresários em São Paulo e no Rio de Janeiro e promoveu intensa propaganda contra Jango, articulado com outros movimentos que faziam oposição às reformas de base. Fonte: Fico, Carlos. *O golpe de 1964: momentos decisivos*. Ed. FGV, Rio de Janeiro, 2014.

No dia marcado, as repartições públicas encerraram o expediente mais cedo e as ruas por onde estava planejado o trajeto foram interditadas. Esperava-se um número de pessoas que superasse o Comício do Rio de Janeiro. Às 16h, a Praça da República, local escolhido para a concentração, já não comportava a multidão, e o cortejo seguiu para a Praça da Sé, calculado em torno de 500 mil pessoas, que marcharam com faixas, terços e cartazes, um número surpreendente, se levarmos em consideração o espaço de tempo de apenas seis dias de divulgação (FICO, 2004).

No palanque, em frente à Catedral Metropolitana, políticos, religiosos e mulheres católicas se reversaram em intensos ataques ao comunismo ateu e em defesa de Deus, da Pátria, da família e da liberdade. As orações e os cantos utilizados durante o evento foram instrumentos de apelação para sentimentos religiosos e patrióticos e principais chaves para o sucesso da manifestação.

De fato, com a realização da Marcha em São Paulo, as “[...] Forças Armadas brasileiras tiveram a afirmação que esperavam da opinião pública desse país [...]” (Marcha da Família com Deus pela Liberdade, 1964, p. 47), e a derrubada do Presidente da República foi um fato eminente e legitimado por uma grande parte da sociedade e que teve amplo apoio da imprensa. Antes e depois do golpe civil-militar, as marchas continuaram a ser realizadas em várias cidades do país e se configuraram como expressão comemorativa da vitória da “Revolução”.

Na Paraíba, o clima, depois do golpe, era de entusiasmo, marchas, discursos e multidões nas ruas.

3 A VITÓRIA DO TERÇO E DOS MILITARES: AS MARCHAS NA PARAÍBA

As fotografias reproduzidas na primeira página do jornal *A União*, no dia 09 de abril de 1964, apresentam uma multidão com vários cartazes e faixas erguidas, em que podemos ver, em letras grandes, as frases ‘*O Liceu com Deus pela Liberdade*’ e ‘*Vitória*’, numa sequência de três momentos das imagens que recriam a cena da Marcha com Deus pela Liberdade, realizada na capital paraibana na tarde do dia 08 de abril de 1964. A descreve o periódico:

[...] Unidos pelo mesmo sentimento cristão e espírito democrático as autoridades e a população de João Pessoa, realizaram ontem a Marcha da família com Deus pela liberdade, dando uma vibrante manifestação de repúdio ao totalitarismo comunista e manifestando o entusiasmo o

orgulho da Paraíba pelo movimento de restauração democrática empreendido pelas Forças Armadas brasileiras em defesa da Constituição [...]. (A UNIÃO, 9 abr. 1964, p. 1).

A manifestação foi organizada pela MAFEP, mas teve a colaboração dos grandes comerciantes da capital e do estado da Paraíba, da Prefeitura Municipal de João Pessoa e da Imprensa. No convite publicado pelo jornal *O Norte*, no dia 05 de abril, o “povo paraibano” foi convidado a comparecer ao evento, em que o governador Pedro Gondim e vários líderes “democráticos” iriam usar a fala. A Marcha iria percorrer várias ruas da cidade até a Catedral para encerrar com uma missa celebrada pelo arcebispo Dom Mário Villas Boas. No dia seguinte, foi a vez de a Associação Comercial de João Pessoa e a Federação do Comércio do Estado da Paraíba publicarem, no mesmo jornal, uma nota de pedido aos comerciantes para encerrar suas atividades ao meio dia, a fim de que a famílias e os comerciantes pudessem comparecer ao evento.

O prefeito da Capital, através da chefia de gabinete, fez o mesmo e, por meio de um comunicado no jornal *O Norte*, dispensou o expediente do horário da Marcha e convidou pessoalmente o funcionalismo municipal, as autoridades e o povo pessoense para participar da “grandiosa concentração” (O NORTE, 6 abr. 1964).

Os apelos de unidade, religiosidade e patriotismo descritos na narrativa pelo jornal *A União* são semelhantes aos mesmos elementos que constituíram a Marcha de São Paulo, acrescidos da necessidade de comemorar a “restauração democrática”, porquanto já havia sucedido uma semana depois da deposição de João Goulart, e o clima era de festa, entusiasmo e legitimação do golpe.

O jornal destacou, ainda, a participação de quase todos os educandários da capital, devidamente uniformizados, além do Liceu Paraibano, que foi destaque na fotografia central da reportagem, marchando ao som da banda de música da Polícia Militar do Estado da Paraíba e executando dobrados cívicos. Outras escolas também exibiram cartazes e faixas expressando os sentimentos cívicos e patrióticos:

[...] Reformas sem sangue, com Deus - Terra dos Tabajaras saúda Minas e os Inconfidentes - Os estudantes Saúdam as Forças Armadas e a Democracia - Viva o Brasil glorioso de Caxias, Tamandaré e Eduardo Gomes, - O Brasil ressurgir para a Ordem e o Progresso [...]. (A UNIÃO, 9 abr. 1964, p. 3).

Os conteúdos históricos anunciados nas faixas levadas pelas escolas indicam que as especificidades históricas e culturais da Paraíba não foram esquecidas pelos

organizadores, e a apelação ideológica e religiosa foi somada com aquelas voltadas para as homenagens a fatos e figuras históricas consideradas importantes. Recorreu-se à sensibilização das pessoas, através do culto aos heróis e aos acontecimentos históricos do estado paraibano, como exemplos atualizados de patriotismo e de união nacional (SIMÕES, 1985, p. 106).

De fato, a História, como disciplina escolar, não tem sido ensinada somente dentro dos espaços escolares, visto que manifestações públicas são utilizadas pelos grupos sociais como espaços e momentos privilegiados de formação cívica e religiosa. As escolas também foram convocadas a participar da Marcha, como projeto educacional, entre tantas outras atividades que consistiam em estimular em alunos e professores atitudes sacralizadas de exaltação ao passado e submissão incontestável à ordem estabelecida no presente (BITTENCOURT, 1992).

Girardet (1986), apresentando as narrativas simbólicas de reunião, fusão e entusiasmo coletivo das comemorações da República francesa, aponta uma dupla finalidade nos principais elementos constitutivos dos eventos celebrados: “[...] explicativa e mobilizadora ao mesmo tempo [...]” (GIRARDET, 1986, p.,161).

Ora, a convocação para a Marcha feita pela Associação Comercial de João Pessoa notificou um intenso júbilo pela restauração da legalidade no Brasil e a necessidade de realizar aquele evento. A Frente Democrática Paraibana, que esteve à frente da Marcha junto com a MAFEP, foi criada disposta a aglutinar pessoas em “[...] defesa da Constituição e da democracia num combate sem tréguas ao comunismo e outros regimes totalitários [...]”. Para Girardet (1986, p. 162), esse chamamento insistente e repetitivo da “[...] exaltação da unidade da população [...]” contra o perigo que poderia vir tem valor de exorcismo.

No dia da Marcha, o governador Pedro Gondim esteve presente, ao lado de figuras políticas do cenário conservador da Paraíba, como os deputados Joacil de Brito Pereira e Aguinaldo Veloso Borges¹³. Seu discurso se transformou em mais uma oportunidade de efetivar o seu apoio ao golpe militar, demonstrando a união paraibana em torno dos ideais cristãos e democráticos.

¹³ Joacil de Brito era advogado e ingressou na política partidária; foi deputado estadual por duas legislaturas pela UDN; Aguinaldo Veloso, suplente de deputado estadual, também pela UDN, assumiu a vaga depois de uma manobra política para escapar da acusação de mandante do assassinado do líder da Liga Camponesa em Sapé, João Pedro Teixeira. Mais tarde, foi acusado de ter mandado assassinar outra líder sindical, Margarida Maria Alves, em 1983, na cidade de Alagoa Grande-PB.

Dossiê: imprensa, história e educação

Uma semana antes, no dia 01 de abril, no calor dos primeiros acontecimentos, o governador Pedro Gondim já havia publicado uma “Proclamação à Paraíba e ao Brasil”, no jornal *A União*, na qualidade de “governador dos paraibanos”, em que se posicionou a favor do golpe e das Forças Armadas e falou do “[...] movimento que eclodiu em Minas Gerais [...]” comparando com os acontecimentos ocorridos em 1930¹⁴, como “vocação histórica do povo paraibano” no cumprimento das liberdades políticas e da democracia.

Encerrando o evento, o governador subiu ao palanque e se dirigiu   “família paraibana” exaltando o povo na rua, “[...] convocado pela mulher paraibana, reafirmando o compromisso com a Pátria [...]”. Em seguida, o cortejo seguiu para a Catedral, onde foi celebrada uma missa campal (*A UNIÃO*, 9 abr., p. 3). Portanto, o mito da unidade apresentado por Girardet (1986)   um impulso místico que jamais deixa de acompanhar a autenticidade de sua natureza religiosa, em que o amor   Pátria confunde-se com o amor a Deus e   religião. Em outras palavras, “[...] é na mística que se v  desembocar a política ou, se preferir, é a mística que se ver invadir a política [...]” (GIRARDET, 1986, p. 165).

Depois que foi realizada a primeira Marcha com Deus pela Liberdade na capital, foram organizadas outras manifesta es em diversas cidades paraibanas, apresentadas no quadro a seguir:

Quadro I - Cidades onde aconteceram as “Marchas da Família com Deus pela Liberdade” noticiadas na imprensa paraibana (abril a junho de 1964)

Local	Data	Local	Data
Pirpirituba	12? de abril	Areia	29 de abril
Taperoá	14 de abril	Baia da Trai�o	03 de maio
Mamanguape	19 de abril	Caiçara	03 de maio
Sapé	19 de abril	Cruz do Espírito Santo	3? de maio
Belém	19 de abril	Serra da Raiz	07 de maio
Guarabira	19 de abril	Arara	10 de maio
Cuité	19 de abril	Tacima	10? de maio

¹⁴ O governador fez referência ao ato do Comandante General, Olympio Mourão Filho que, na madrugada do dia 31 de março de 1964, deflagrou o movimento de derrubada do Presidente Goulart, marchando com suas tropas de Belo Horizonte ao Rio de Janeiro. Para saber sobre a guinada de Pedro Gondim do populismo em dire o aos grupos conservadores, ver: CITTADINO, Monique. Pedro Gondim: Entre Deus e o Diabo.. In: DANTAS,  der; NUNES, Paulo Giovani Antonino; FREIRE, Rodrigo (org.). **Golpe civil militar e ditadura na Paraíba: história, memória e constru o da cidadania**. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2014. Quanto aos acontecimentos de 1930, Pedro Gondim evocou a derrubada do Presidente Washington Luís, sob o comando de Getúlio Vargas. O episódio foi fomentado pelo assassino do Presidente João Pessoa e os usos que foram dados a sua morte como elemento catalizador para o golpe. Ver. RIBEIRO, Genes Duarte. **Sacrifício, heroísmo e imortalidade: a arquitetura da constru o da imagem do Presidente João Pessoa**. 2009. Disserta o (Mestrado em História) Universidade Federal da Paraíba.

Bayeux	19 de abril	Campina Grande	30 de maio
Cabedelo	19 de abril	Duas Estradas	01 de junho
Santa Luzia	21 de abril		
Alagoinha	29 de abril		

Fonte: *O Norte, A União e A Imprensa* (abr/jun.1964)

Foi registrada a ocorrência de 20 marchas, entre abril e junho de 1964. Todas elas aconteceram depois do golpe, portanto, o grande elemento catalizador foi a “ação de graças” pelo afastamento do comunismo das terras brasileiras e, conseqüentemente, paraibanas. Presot (2010) compreende essas manifestações para além das propagandas ou da insatisfação das classes conservadoras. E mesmo que haja uma organização e a promoção dessas marchas com a participação de populares, é necessário observar a “pluralidade de significados” presentes em cada cidade onde foram realizadas.

Em Tacima, um fato curioso nos chamou à atenção durante a Marcha naquela cidade: o número expressivo de cinco mil pessoas já era um elemento bastante significativo, mas, certamente, foi a descrição deste fato:

[...] após a missa, foram exibidas para a população as películas “A muralha”, “Anatomia da agressão”, a “História de John Gleen” e “Fronteiras” cedidos pelo Serviço de Informação dos Estados Unidos (USIS), que atendendo a um pedido do Sr. Jeovah Lins Coelho deslocou um funcionário para Tacima a fim de proceder a exibição desses filmes [...]. (O NORTE, 14 maio. 1964, p. 8).

Embora não houvesse respostas no momento sobre as relações entre a Agência Americana de Informação e essa pequena cidade do interior da Paraíba, tampouco sobre o conteúdo dos filmes exibidos, sabemos que foi uma prática sistemática nos anos de 1960 de propaganda da valorização dos Estados Unidos e combate ao comunismo na América Latina, através de quatro divisões de mídias: audiovisual, bibliotecas e exposições, imprensa e documentários visuais¹⁵.

Em Belém, a Marcha foi precedida de uma missa; em seguida, percorreu algumas ruas da cidade e encerrou na Praça da Independência. Ao nome do local foi atribuído um significado de “[...] libertação do Brasil das garras do comunismo [...]”, como afirmou um orador durante o evento (A UNIÃO, 6 maio. 1964, p. 4). Junto com as autoridades, dois estudantes, Ana Maria e Martinho Alves, foram convidados a discursar no palanque. Na cidade de Arara, o local escolhido pelos organizadores para a concentração da Marcha foi o Grupo Escolar Anésio Deodônio Moreno. Durante os

¹⁵ Informações no portal da <http://www.archives.gov/research/guide-fed-records/groups/306.html>.

festejos, foi incluída na programação a inauguração de um busto do Padre Ibiapina¹⁶ na praça batizada com o nome do governador, que, pessoalmente, participou da manifestação junto com o prefeito. Isso possibilitou uma exploração religiosa e política mais acentuada em Arara, uma vez que tanto a praça quanto o busto formaram uma composição de símbolos que possibilitaram a arregimentação de sentimentos muito próximos de “devoção” ao “santo popular”, que confundiram a Marcha cívica em procissão religiosa.

Quando o cortejo terminou de passar, falaram para os presentes o governador Pedro Gondim, a senhorita Virgínia de Souza Barros, representante da mulher ararense, a senhorita Marília Fonseca, representante dos professores, o padre Manoel Lima, o chefe da Casa Militar do governo do Estado, o capitão Newton Leite e o vereador José Epitácio da Silva, representando o deputado Clóvis Bezerra. A presença do governador trouxe a imprensa e, pela primeira vez, o evento foi transmitido ao vivo pela rádio Tabajara.

Em Areia (Figura 1), a Marcha se tornou uma expressão de apoio ao governador por sua posição ao lado dos golpistas. “[...] Areia saúda Pedro Gondim, o governador da legalidade [...]” foi uma das faixas conduzidas durante o cortejo. O jornal *A União* do dia 30 de abril de 1964 destaca a grande quantidade de alunos e alunas uniformizados e professores dos educandários Colégio Santa Rita, Grupo Escolar Álvaro Machado, das escolas paroquiais e da Escola de Agronomia do Nordeste. Um aluno representante do Colégio Santa Rita foi convidado a falar no palanque. A missa campal encerrou a manifestação de “[...] aplausos aos líderes civis e militares que afastaram o perigo comunista [...]” (A UNIÃO, 30 abr. 1964, p. 1).

A fotografia (Figura 2) da Marcha na cidade de Bayeux destaca a presença da bandeira do Brasil e várias alunas uniformizadas perto do palanque, onde discursaram o Professor Afonso Pereira, vereadores, deputados e o prefeito da cidade. Em Cruz do Espírito Santo, depois que a Marcha chegou à igreja matriz, os alunos representantes do Ginásio Independência, do Grupo Escolar Flávio Ribeiro Coutinho, e o prefeito da cidade usaram a palavra. A presença dos alunos dos educandários locais - a Escola Normal, o Ginásio Frei Martinho e o Grupo Escolar Coêlho Lisboa - foi ênfase também na Marcha que houve em Santa Luzia. A senhorita Adelcy Medeiros foi escolhida para

¹⁶ Padre Ibiapina iniciou uma obra missionária percorrendo a Região Nordeste em missões evangelizadoras. Ergueu inúmeras casas de caridade, igrejas, capelas, cemitérios, cacimbas d'água e açudes para ajudar os sertanejos. Escolheu morrer na cidade de Arara, onde foi construído um memorial em sua devoção.

falar representando as alunas presentes. Segundo *A União*, dez mil pessoas (!) participaram do evento.

Figura 1 – A grande quantidade de alunos e alunas uniformizados em Areia.



Fonte: A União

Figura 2 - Várias alunas uniformizadas próximas ao palanque em Bayeux



Fonte: A União

O jornal *O Norte*, publicado no dia 19 de abril de 1964, registrou, nas cidades de Sapé e Mamanguape, a realização da Marcha nessas duas cidades. Uma situação paradoxal, pois, antes do golpe, eram locais de vários conflitos agrários devido à forte presença das Ligas Camponesas¹⁷. Além disso, foi em Sapé que a violência dos usineiros feriu vários trabalhadores rurais e, em 1962, assassinou Pedro Teixeira, seu principal líder.

Ora, o evento serviu aos interesses da Câmara Municipal que, em nome da população daquela cidade, fez homenagem ao coronel Luiz de Barros¹⁸, comandante da operação que aniquilou completamente as Ligas, dando-lhe o título de “cidadão sapeense”. Nos discursos calorosos, receberam os agradecimentos “por sua correta atuação” e foram exaltados os novos rumos da cidade naquela caminhada. A propósito, em Sapé, foram traçados novos rumos. Assim, ao eleger novos líderes e proclamar o fim

¹⁷ Em Sapé, foi fundada a Liga “mais poderosa do Brasil, chegando a perfazer um total de 13.000 membros seguida pela de Mamanguape com 10.000.” (CITTADINO, 2014, p. 20).

¹⁸ Coronel da Polícia Militar Luiz de Barros, figura que comandou a repressão com todo o aparato governamental; foi responsável pelo desaparecimento de líderes camponeses, entre eles, Pedro Fazendeiro. Consultar o portal da Comissão Estadual da Verdade. <http://www.cev.pb.gov.br/>

do comunismo e da subversão, sepultavam as memórias dos camponeses ao legitimar outras.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O regime que se instalou depois da derrubada do Presidente Goulart foi erguido sob os pilares de valores democráticos e cívico-religiosos e legalizado como defensor das liberdades, da família, da salvação da Pátria e da ordem social tradicional, supostamente ameaçada pela comunização eminente patrocinada pelo governo, pelas esquerdas e pelos sindicatos.

As marchas realizadas antes do golpe não só se transformaram em um apelo salvacionista às Forças Armadas, como também confirmaram o apoio da sociedade, mesmo que uma parte dela para o desfecho final. Depois do golpe, traduziram expressões de exaltação aos militares por terem cumprido a missão de, definitivamente, ter afastado o credo vermelho do país. Mas, em cada cidade, os políticos locais e as autoridades que promoveram as manifestações “puxaram suas brasas” em seus discursos ufanistas.

As ruas escolhidas como cenário principal foram preparadas para o grande teatro, expressão empregada por Balandier (1982)¹⁹. Alunos e professores foram chamados para ser coadjuvantes do espetáculo, mas também, como plateia garantida para a apresentação dos atores principais, autoridades, religiosos, damas, senhoras ilustres e políticos locais.

O convite para a concentração cívica e religiosa, a realização de uma caminhada pelas principais ruas da cidade, a convocação dos estudantes dos educandários para marchar, uma missa campal e os discursos salvacionistas de autoridades políticas em ação de graças às Forças Armadas foram as principais estratégias e os elementos comuns em cada Marcha.

Portanto, esse consenso foi fundamental para unir mulheres, escolas, quartel, igreja, prefeituras, câmaras de vereadores e, sobretudo, os valores republicanos como elo principal considerado assim, como principal força de luta contra comportamentos morais desviantes, a imposição de censura e a adoção de medidas para fortalecer os valores caros à tradição, sobretudo a pátria e a religião.

¹⁹ BALANDIER, Georges. O poder em cena. Editora Universidade de Brasília, 1982.

ABSTRACT

This article, based on periodicals published in the state of Paraíba, discusses the involvement of schools in the movement entitled "March with God for Freedom" that took place between the months April and June 1964 in different cities of Paraíba as a means of celebrating the "victorious revolution" that ousted President João Goulart. Our main objective is to show that the religious discourse against communism was the main thread which brought people and educational institutions together in these celebrations, as well as the support and "solidarity" given to the governor Pedro Gondim, who was the target of surveillance by the Military Regime. Gondim used these moments as a strategy for maintaining and legitimising his position in the Paraíba executive.

Keywords: Press. March with God for Freedom. Schools.

REFERÊNCIAS

ALVES, Márcio Moreira. **A igreja e a política no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

ARAÚJO, Railane Martins. **O Governo de Pedro Gondim e o teatro de poder na Paraíba: imprensa, imaginário e representações (1958-1965)**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

BALANDIER, Georges. **O poder em cena**. [Brasília]: Editora Universidade de Brasília, 1982.

BITTENCOURT, Circe. As 'tradições nacionais' e o ritual das festas cívicas. In: PINSKY, J. NADAI, E. et al. **O ensino de História e a criação do fato**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1992. p. 43 – 73.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto: EDUSP, 1988.

CÂNDIDO, Antônio. A estrutura da escola. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. **Educação e sociedade**. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1971. p. 107-128.

CHIAVENATO, Júlio José. **O golpe de 64 e a ditadura militar**. São Paulo: Moderna, 1997.

CITTADINO, Monique. Pedro Gondim: entre Deus e o Diabo. In: DANTAS, Éder; NUNES, Paulo Giovanni Antonino; FREIRE, Rodrigo. (Org.). **Golpe civil militar e ditadura na Paraíba: história, memória e construção da cidadania**. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2014. p. 13-30.

FICO, Carlos. Com o rosário na mão. **NOSSA HISTÓRIA**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, p. 40-43, mar. 2004.

_____. **O golpe de 1964: momentos decisivos**. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

FERREIRA, Jorge. Sexta-feira 13 na Central do Brasil. **NOSSA HISTÓRIA**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, p. 32-35, mar. 2004.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto historiográfico. Tradução: Gizele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, n. 1, p. 9-44, 2001.

MARTINS, Eduardo. **A União**: jornal e história da Paraíba, evolução gráfica e editorial. João Pessoa: Ilustrada, 1977.

MOUILLAUD, Maurice. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: DAYRELL, Sérgio. (Org.) **O jornal**: da forma ao sentido. 2. ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2002.

PRESOT, Aline. Celebrando a ‘Revolução’: as marchas da família com Deus pela liberdade e o Golpe de 1964. In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz. (Org.). **A construção social dos regimes autoritários**: legitimidade, consenso e consentimento no Século XX – Brasil e América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 71-96.

RIBEIRO, Genes Duarte. **Sacrifício, heroísmo e imortalidade**: a arquitetura da construção da imagem do Presidente João Pessoa. 2009. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

SESTINI, Dharana Pérola Ricardo. **A “mulher brasileira” em ação**: motivações e imperativos para o golpe militar de 1964. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SIMÕES, Solange de Deus. **Deus, pátria e família**: as mulheres no golpe de 1964. Petrópolis: Vozes, 1985.

SOUZA, Rosa Fátima de. Rituais escolares: liturgia cívica e glorificação da memória (aproximações históricas). In: PORTO, Maria do Rosário S. et al. (Orgs.). **Tessituras do imaginário**: cultura & educação. Cuiabá: EDUNIC/CICE/FEUSP, 2000. p. 173-184.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em história da educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. **Cinco estudos em história e historiografia da educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 11- 40. v. 1.

Fontes documentais impressas

Marcha da Família com Deus pela Liberdade - Documento produzido pela União Cívica Feminina de São Paulo na ocasião da organização da Marcha da Família com Deus pela Liberdade. São Paulo, 1964. s/p.

A UNIÃO - João Pessoa. 01 de abril de 1964. Diário

A UNIÃO - João Pessoa. 07 de abril de 1964. Diário

A UNIÃO - Marcha da Família com Deus Pela Liberdade. João Pessoa. 09 de abril de 1964. Diário

A UNIÃO - Pirpirituba realizou ontem a Marcha com Deus Pela Liberdade. João Pessoa. 14 de abril de 1964. Diário

A UNIÃO - João Pessoa. 30 de abril de 1964. Diário

A UNIÃO - João Pessoa. 03 de maio de 1964. Diário

A UNIÃO - João Pessoa. 07 de maio de 1964. Diário

A UNIÃO - João Pessoa. 12 de maio de 1964. Diário

A UNIÃO. Duas Estradas realizou passeata. João Pessoa. 06 de junho de 1964. Diário

O NORTE - Paraíba. 28 de março de 1964. Diário.

O NORTE - Paraíba. 09 de abril de 1964. Diário.

O NORTE - Paraíba. 16 de abril de 1964. Diário.

O NORTE - Paraíba. 21 de abril de 1964. Diário.

O NORTE - Paraíba. 25 de abril de 1964. Diário.

A IMPRENSA – João Pessoa (Paraíba). 29 de março de 1964. Diário

A IMPRENSA – João Pessoa (Paraíba). 26 de abril de 1964. Diário

A IMPRENSA – João Pessoa (Paraíba). 17 de maio de 1964. Diário

A IMPRENSA – João Pessoa (Paraíba). 31 de maio de 1964. Diário